

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Primeiros acordos

Nenhuma das autoridades que se pronunciaram depois que Luiz Inácio Lula da Silva estava matematicamente eleito criticou o resultado ou deu lastro a qualquer movimento de contestação do resultado. Isto posto, caberá agora ao presidente Jair Bolsonaro deflagrar a transição. O que mais se ouviu do polo adversário de Lula e dos petistas, logo depois nas primeiras horas, foram as palavras diálogo, respeito e democracia. Em alinhamento com o discurso do presidente eleito.

Diferenças em 20 anos I

Em seu primeiro discurso depois de eleito, em 2002, Lula agradeceu especialmente a José Dirceu, José Genoino, Benedita da Silva, e ao vice José Alencar, já falecido. Agora, a maioria dos citados na primeira fala pós-eleição pertence a outros partidos.

Diferenças em 20 anos II

O fato de Bolsonaro fechar o dia da eleição sem parabenizar o presidente eleito rompe a tradição e leva a turma de Lula a apostar que a transição não será fácil. Em 2002, José Serra telefonou para Lula e fez um pronunciamento desejando-lhe sucesso na condução do país e Fernando Henrique Cardoso criou os parâmetros de transição civilizada.

Inversão

No passado, quem convocava greves eram os sindicatos ligados ao PT. Agora, quem ameaça paralisação são os caminhoneiros aliados a Jair Bolsonaro, em busca do terceiro turno. Até aqui, não tiveram apoio de outros segmentos e ainda correm o risco de prejudicar o fim do governo Bolsonaro.

Lula é um "case" para o mundo, com várias missões

Passada a primeira temporada da guerra dos tronos à brasileira, o mundo volta suas atenções às ações do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. O primeiro desafio é montar a equipe, preservando o tom de seu primeiro discurso, em que afirmou não ter sido uma vitória dele e nem do PT e sim da sociedade brasileira. O olhar internacional e do mercado se volta, especialmente, para quem será o ministro da Fazenda, que, conforme o próprio Lula delineou na entrevista da semana passada, terá que ter responsabilidade fiscal e social. De quebra,

Lula começará, já na semana pós-feriado de Finados, a orientar sua bancada no Congresso na negociação do Orçamento do ano que vem, em fase de elaboração. Será o primeiro teste de Lula na relação com o Centrão.

Vale lembrar: o olhar mais acurado dos outros países sobre essa transição, que se manterá quando Lula assumir, se justifica porque, até aqui, nenhum líder latino-americano que se elegeu de 2021 para cá conseguiu manter a popularidade. Lula tem como missão tentar quebrar essa sina.



CURTIDAS

À la Dilma-Temer/ Espera-se para esta transição algo mais parecido com a que foi de Dilma Rousseff para Michel Temer, logo depois do impeachment. Na época, os emedebistas reclamaram que, ao chegar ao Planalto, encontraram grande parte dos computadores foi apagada.

Missão cumprida/ O prefeito de Araraquara, Edinho Silva, um dos coordenadores da campanha de Lula, tinha colocado como meta não deixar o presidente Jair Bolsonaro abrir uma grande diferença em São Paulo e segurar Minas Gerais. Conseguiu as duas coisas. Em São Paulo, a avaliação dos bolsonaristas é a de que, se o presidente tivesse 15 pontos de diferença no eleitorado paulista, estaria eleito.

Efeito Zambelli/ A avaliação de alguns aliados de Bolsonaro com um viés mais de centro é a de que muita gente se assustou com as imagens da deputada Carla Zambelli percorrendo as ruas de arma em punho, dias depois de Roberto Jefferson jogar uma granada e atirar contra policiais. Numa eleição tão apertada, pode ter tirado do presidente os votos que garantiriam a vitória.

Olho nela/ Rosângela Silva, a futura primeira-dama Janja, gosta de política e terá papel importante ao lado de Lula. Aliás, em relação a esposas de autoridades, o ex-senador Antonio Carlos Magalhães, já falecido, tinha um jeito muito peculiar de tentar desvendar o que se passava na mente de aliados e adversários: Se a esposa do interlocutor não lhe tratar bem, é porque ele já falou mal de você para ela.

Os tucanos, hein?/ O PSDB sai deste segundo turno com três eleitos: Eduardo Leite (RS), Raquel Lyra (PE) e Eduardo Riedel (MS). São Paulo, porém, começa um novo ciclo, em que os tucanos foram substituídos por Tarcísio de Freitas, eleito pelo bolsonarismo somado ao anti-petismo.

Por falar em bolsonarismo/ Resta saber se o presidente Jair Bolsonaro vai manter o capital político para o futuro ou jogará pela janela a capacidade de mobilização que apresentou nas ruas. Da mesma forma que Lula tem o desafio de governar, Bolsonaro enfrentará o desafio de sobreviver na oposição. Lula conseguiu e voltou. O maior adversário do PT hoje ainda é uma incógnita. Espera-se um pronunciamento dele ainda hoje, 31.



Cobertura do segundo turno mobilizou profissionais do Correio, da TV Brasília e da rádio Clube FM. Além de divulgar, minuto a minuto, os números da votação, os jornalistas compartilharam análises com convidados

Olhar apurado na eleição

» EDIS HENRIQUE PERES

Em mais um trabalho do jornalismo dos Diários Associados, os profissionais do **Correio Braziliense**, da **TV Brasília** e da **Rádio Clube FM** ofereceram uma cobertura especial da eleição de 2022. A série de entrevistas e debates começou às 16h, em transmissão simultânea nos veículos e nas redes sociais.

Com a participação de autoridades, de políticos ligados aos dois presidenciáveis e de especialistas, a disputa pelo pleito foi acompanhada em tempo real e alcançou mais de 61.920 internautas e 180 milhões de visualizações pelo site. Além do resumo dos acontecimentos, à medida que os números das urnas se tornavam públicos, analistas e convidados especiais se revezavam para repercutir o cenário das eleições.

O primeiro a participar foi o presidente do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-DF), Roberval Belinati. Ele comentou a eleição no exterior, sob responsabilidade do TRE-DF. Para o segundo turno, o desembargador informou que 697 mil brasileiros se cadastraram para votar. "No primeiro turno, tivemos muito problemas nos 102 países: má administração, abstenção gigantesca — mais de 50% se cadastraram para votar e não compareceram —, e erro na distribuição dos locais", contou. No entanto, para este turno, 75 assessores atuaram para viabilizar o sucesso da votação no exterior e Roberval pontuou que os erros tinham sido corrigidos.

Segundo convidado na cobertura especial, o cientista político Leonardo Barreto avaliou o cenário da polarização do Brasil. "O ideal é que a gente prepare o país para que gerações construídas já sob a democracia possam

Wanderlei Pozzembom-



Presidente do TRE-DF, Roberval Belinati (D), detalha as informações sobre a eleição no Distrito Federal e no exterior: análise multimídia

assumir o destino da nação. A elite brasileira está fraturada e isso vem, de uma maneira muito forte, desde 2014. Quando a elite fica fraturada, um dos principais sintomas sentidos na democracia, é quando elas passam a discordar na solução de conflitos", pontuou.

Por sua vez, a deputada federal reeleita pelo DF, Bia Kicis (PL) comentou o episódio em que a parlamentar Carla Zambelli, do mesmo partido e cargo por São Paulo, empunhou uma arma para um homem no estado paulista. "Vamos apurar e ver até onde a Carla atuou em legítima defesa", defendeu Bia Kicis.

A bancada do CB.Poder

também recebeu Geraldo Magela, ex-coordenador da campanha de Lula na capital do país. O petista avaliou a vitória de Jair Bolsonaro com mais de 15% de folga contra Lula no DF. "Se você considera que, no primeiro turno, o Lula teve 36,8% e o Bolsonaro mais de 51% e agora nós aumentamos a nossa votação, é claro que aumentou a diferença. Ele não poderia vir mais do que veio no DF, porque temos aqui pouco mais do 1,5% do eleitorado do país inteiro", opinou.

As análises políticas continuaram no CB Especial com Wagner Parente, CEO da BMJ Consultores Associados. O especialista

avaliou o percurso de Lula como ex-presidente da República, investigado da Lava-Jato e novamente reeleito. "O Brasil falhou em formar novas lideranças para o governo. Talvez apareçam novas lideranças para os dois lados, mas no PT houve um problema muito grave, uma falha, lá atrás, do Lula formar uma aliança mais palatável", observou.

Paulo Kramer, cientista político, avaliou que, ao colocar a faixa presidencial, Lula tem um difícil desafio. "Se esse novo Congresso é mais conservador que os Congressos anteriores e se de fato decidir peitar um presidente de esquerda, o presidente certamente

vai se sentir tentado a recorrer ao poder Judiciário. Até porque, nessa eleição, nós brasileiros fomos submetidos a uma parte do judiciário querendo que a gente aceitasse a ditadura da toga e parece que metade do eleitorado resolveu não se acostumar", ponderou.

Além de analisar o processo eleitoral, a cobertura especial atualizava constantemente os números das urnas, com o jornalista Lucas Móbille. Na bancada, os convidados compartilharam suas impressões com os jornalistas Ana Maria Campos, Carlos Alexandre de Souza, Denise Rothenburg, Roberto Fonseca e Vinícius Doria.

Plataformas simultâneas

O programa **CB.Poder** marcou história ontem não apenas pela cobertura das eleições, mas também pela abrangência do conteúdo oferecido a telespectadores, ouvintes, internautas e eleitores. As 5 horas e 41 minutos de transmissão do programa foram transmitidas em três plataformas simultaneamente.

No YouTube, o programa alcançou 2,294 visualizações, além das interações com perguntas e opiniões dos internautas. O canal do **Correio** na plataforma soma mais de 18 mil inscritos.

No Twitter, o especial do **CB.Poder** também foi transmitido para um público de 32,8 mil espectadores ao longo do programa. Na plataforma, o **Correio Braziliense** (@correio) soma mais de 873 mil seguidores.

Além da transmissão ao vivo, a rede social do passarinho também seguiu um "fio" (uma sequência de tuítes) com as principais informações do programa. Foram 64.361 mil impressões, que levaram a 892 engajamentos no total. Já no Facebook, foram 3,1 mil pessoas alcançadas durante a transmissão, sendo 2,8 mil visualizações do vídeo (por no mínimo 3 minutos).

Além da cobertura em tempo real nos dois turnos, o CB.Poder ofereceu ao público uma série de sabatinas com os principais presidenciáveis, bem como os candidatos ao Governo do Distrito Federal. A última entrevista ocorreu na semana passada, com Luiz Inácio Lula da Silva, três dias antes de ser eleito, mais uma vez, presidente da República.